

Recensão

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 224 pgs.

O teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann é o autor da obra “Trindade e Reino de Deus”, a qual vamos fazer uma apreciação. Ele é uma personalidade relevante no cenário teológico moderno com expressivas contribuições na teologia sistemática, antropologia teológica, eclesiologia, cristologia, pneumatologia, teologia política e da criação. As obras que mais caracterizam o seu pensamento são “Teologia da Esperança” e o “Deus Crucificado”, nelas o autor elabora sua própria teologia da libertação. Hoje é professor emérito de teologia sistemática na Universidade de Tübingen. Na última fase de sua carreira teológica, Moltmann se dedicou a desenvolver uma doutrina social trinitária que tem como ícone maior o livro que nos propomos a estudar.

O primeiro capítulo “A teologia trinitária hoje” expõe como a Santíssima Trindade voltou a ser pauta da reflexão teológica na contemporaneidade. Através de argumentação consistente, Moltmann derruba objeções à teologia trinitária como a de Schleiermacher que a considera supérflua e abstrata, e abre vias de acesso à compreensão do Deus uno e trino pela experiência e prática da fé. Sobre a experiência de Deus, mostra que esta não é apenas “a nossa experiência de Deus, mas também a experiência de Deus conosco” (p.19). Assim, a relação proporcionada pela experiência afeta tanto o nosso ser quanto o ser de Deus, cada um a seu modo. Em relação à práxis, coloca o desafio de transformar em atos concretos a fé na trindade divina nos tempos modernos. Além disso, o autor descreve os três conceitos de Deus constituídos ao longo da história ocidental como uma trajetória para um entendimento mais maduro do Deus cristão: Deus como *substância suprema*, Deus como *sujeito absoluto* e, Deus *uno e trino*.

O segundo capítulo, “A Paixão de Deus”, é um dos mais significativos da obra, pois busca demonstrar que, de maneiras diferentes, o Pai e o Espírito Santo sofreram juntos com Cristo sua paixão. O teólogo alemão questiona a concepção grega do Deus impassível e imutável, incapaz de sofrer, se movimentar, ou seja, incapaz de amar. Segundo Moltmann, a teologia cristã ainda não desenvolveu um conceito cristão sobre Deus e continua se apoiando na filosofia grega que concebeu um Deus impassível. Porém, a teologia cristã deverá reconhecer o próprio Deus na paixão de Cristo e descobrir essa

paixão de Cristo em Deus mesmo. A Tradição fala de um Deus que sente o clamor e a aflição de seu povo, que se rebaixa e caminha com ele, que entrega a sua vida numa cruz e se dá como alimento para a nossa redenção. Poeticamente Moltmann escreve que a fé cristã nutre-se da dor de uma grande paixão, sendo ela mesma a paixão sempre pronta a sofrer pela vida.

A questão da liberdade chama a atenção nesta obra e perpassa vários capítulos especialmente o segundo e o último. “No seu *pathos*, o Todo-poderoso sai de si mesmo. [...] O *pathos* divino [...] é a liberdade de Deus. Ele é o relacionamento livre da participação apaixonada” (p. 39). Para contestar a apatia divina e fundamentar a paixão de Deus, Moltmann apoia-se em diversos autores e aborda ainda no segundo capítulo tradições que abordam a teopatia: doutrina rabínica da *Shekinah*, teologia anglicana do “sacrifício do eterno amor”, mística espanhola da “dor de Deus”, filosofia ortodoxa da “tragédia divina”, a liberdade divina e a afirmação Deus é amor.

Orígenes diz que Deus padece do sofrimento do amor, passando a ser o que não é pela grandeza de sua natureza, suportando por nosso amor o sofrimento humano. Essa sim-patia, partilhar do mesmo sofrimento, e com-paixão, sofrer com o outro por amor, é a essência da misericórdia. Abraham Heschel é um dos únicos representantes do pensamento judaico que reconhece a *pathos* divina. A ideia central da teologia anglicana do sofrimento divino é que na cruz manifestou-se o coração eterno da Trindade, é somente a partir da cruz histórica que se deve remontar a essência do eterno. C. E. Rolt, de tradição anglicana, desenvolve uma doutrina trinitária do sacrifício do eterno amor que se abre ao mundo. Segundo ele “o amor deve dar, pois é unicamente dando que possui e é feliz. [...] Deve-se entregar completamente, só assim Ele é Deus. Deve perpassar o tempo, só assim é eterno” (p. 46). Para Rolt, foi necessário Deus fazer-se ser humano, só assim ele é verdadeiramente Deus, pois, para ser Ele mesmo, o amor deve sofrer. Com base nisso, Moltmann argumenta que Deus não sofre como a criatura por carência de ser, nesse sentido, Ele é impassível. No entanto, Deus sofre por amor, pela superabundância do seu ser, dessa forma, Ele é passível.

Na terceira seção “A História do Filho”, Moltmann critica a teologia protestante liberal, desenvolvida a partir de Kant, que tornou o pensamento trinitário estéril e distante da prática da fé. Ele defende a tese de que “a doutrina eclesial da Trindade é a verdadeira forma de interpretação da auto-revelação de Deus como Senhor” (p.77). Os relatos da vida de Cristo contam as relações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo que se abrem à participação do ser humano e de toda a criação. O objetivo desse capítulo,

portanto, é fundamentar bíblicamente a doutrina trinitária de tal forma que se possa argumentar que a própria história bíblica se origina da ação comunicativa da Trindade.

Desse raciocínio segue a ideia que a unidade trinitária está aberta ao mundo de tal forma que toda a criação pode se unir e formar um só corpo com ela e Cristo é a via de acesso a essa comunhão. Assim, no quarto capítulo “O mundo da Trindade”, pretende-se conhecer a Trindade a partir de suas obras no mundo. Moltmann desenvolve uma cristologia aberta ao conhecimento da criação do mundo através do Pai, a reconciliação do mundo por meio da encarnação do Filho e da transfiguração do mundo pela ação do Espírito Santo. O autor preocupa-se em mostrar não apenas o que Deus significa para o mundo, mas ainda o que o mundo significa para Deus. Como o Papa Francisco disse na introdução da *Evangelii Gaudium*, o bem tende sempre a comunicar-se. Então, se entendemos Deus como amor, “é natural que a autocomunicação amorosa se estenda não apenas ao seu Igual, mas também ao seu outro. [...] Mas o amor que se comunica só passa a ser amor feliz quando houver correspondência no amor” (p.28). Esse ponto de vista da reciprocidade na relação entre Deus e o mundo torna a abordagem de Moltmann original e revela a dignidade da criação.

Na avaliação crítica do teísmo e panteísmo crístico, o teólogo alemão propõe o panenteísmo cristão na primeira parte do quinto capítulo intitulado “O mistério da Trindade”. Este tópico trata do dilema da Trindade e unidade de Deus partindo da contestação das heresias de Ário e Sabélio, que ainda hoje não foram superadas, para chegar na proposta doutrinal trinitária de Tertuliano. Esta primeira formulação do conceito das pessoas divinas servirá de base para o desenvolvimento posterior da reflexão trinitária de expoentes como Karl Barth e Karl Rahner. Assim, a unidade das três pessoas divinas deve ser compreendida como uma unidade comunicativa, aberta, inviativa e integradora. A segunda parte do penúltimo capítulo aborda a Trindade doxológica, fazendo relação entre Trindade econômica e Trindade imanente, entre teologia querigmática e doxológica. Com isso, Moltmann quer mostrar que o verdadeiro conhecimento de Deus, isto é, a verdadeira teologia é a tradução da experiência amorosa e redentora que se expressa na ação de graças, no louvor e na adoração a Deus.

O último capítulo chama-se o “Reino da Liberdade” e traz a principal contribuição de Moltmann para a reflexão trinitária: a interpretação social da Trindade. Na contestação do monoteísmo político e clerical, o teólogo protestante demonstra como nossa concepção de Deus tem influência no modo como vivemos em sociedade. O autor embasa sua teologia trinitária do reino em Joaquim de Fiori, subdividindo em reino do Pai, do Filho

e do Espírito como etapas do processo histórico humano a fim de se consumir no reino da liberdade. Segundo o teólogo germânico, a humanidade encontra-se “permanentemente em processo de transição da necessidade para a liberdade e da liberdade de escolha para a livre prática do bem” (p. 217), essa experiência de liberdade tende a construir o reino do bem, a civilização do amor. Portanto, a doutrina trinitária do reino é a doutrina teológica da liberdade.

Na teologia de Moltmann exposta na obra Trindade e Reino de Deus, percebe-se um caráter libertador e uma aproximação da teologia da libertação que segundo o autor é a melhor teologia ética e política. Deste modo, não se vê neste livro a abordagem de uma teologia nas alturas, ao contrário, traz a Trindade para a realidade cotidiana do ser humano na sua vivência espiritual, comunitária e social. A partir da história de Jesus, o teólogo germânico procurou desenvolver uma doutrina histórica e social da Trindade. Esse pensamento relacional e comunitário pode e deve ser aplicado na relação e convivência do homem com Deus, com os demais seres humanos e com todo o ecossistema criado. A imagem do Deus Uno e Trino que fica a partir da reflexão de Moltmann é de um Deus que ama, sofre, luta e vive com, no e pelo seu povo. Uma leitura apaixonante que convida a compreender socialmente a teologia trinitária. A riqueza e profundidade do trabalho é de fato, como o subtítulo da obra já propõe, uma valiosa contribuição para a teologia e para aqueles que acreditam que sua fé pode transformar o mundo ao seu redor.

Aline Amaro da Silva

Doutoranda em Teologia da Escola de Humanidades da PUCRS